

A DES (FORMA) DO ROSTO: NARRATIVAS DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

Renon Bruno Fernandes Dias¹, Agnes Maria Dos Reis², Jacqueline Evelyn Figueiredo Soares³, Lauriane de Carvalho Souza⁴, Mailla Cristina Damasio Machado⁵, Sonia Ayako Tao Maruyama⁶.

INTRODUÇÃO: No trabalho objetivou-se aprofundar sobre como o corpo e suas imagens afetam não somente quem tem um corpo, mas também quem vê este corpo. A condição do ser humano é corporal, pois é seu corpo que o separa do outro, que o individualiza, e que estabelece a fronteira da sua identidade pessoal¹. O corpo assume o estado de unicidade do indivíduo, diante de suas várias partes, porém esta unicidade tem no rosto um aspecto marcante. Dentre as doenças, aquela que mais afeta o rosto é o câncer de cabeça e pescoço (CCP), pois atinge 1,7% da população, representando 5% de todos os cânceres, e tem como particularidade a descaracterização do rosto². Cuidar dessas pessoas pode repercutir de modo profundo nos profissionais de enfermagem, já que a forma do rosto é um símbolo marcante em nossa sociedade. **OBJETIVO:** Descrever as formas alteradas do rosto de pessoas com câncer de cabeça e pescoço narradas pelos profissionais de enfermagem. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, acerca da experiência vivenciada por profissionais de enfermagem. Esta pesquisa foi realizada a partir de um banco de dados da pesquisa (Cadastro Propeq 197/CAP/2010, intitulado: “Significado e sentidos do cuidado em condição crônica: uma perspectiva sócio-antropológica”) vinculada à dissertação de mestrado “CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO: SIGNIFICADOS PARA PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM” de **Juliana Benevenuto Reis**, Mestre pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Enfermagem da UFMT e **aprovada pelo Comitê de Ética** do HUJM, sob o nº 221/CEP – HUJM/2011. Destacamos que o Banco de Dados acessado se relaciona as entrevistas de trabalhadores de enfermagem realizadas no período de março a dezembro de 2012 no contexto de um hospital oncológico do Mato Grosso. Do banco de dados foram utilizadas 12 entrevistas os quais totalizaram 98 páginas de transcrição. Após leitura atenta das narrativas destacamos trechos sobre as alterações do rosto. Evidenciamos em MAIS, se a narrativa da deformação do rosto foi para o que aumentou, e em MENOS, se a narrativa da deformação do rosto foi para o que reduziu em relação a norma de rosto. De posse das entrevistas realizamos uma leitura minuciosa para compreensão seguida de nova leitura buscando identificar temas sobre o rosto. Após marcar temas afins com cores diferentes, recortamos e os agrupamos. Utilizamos para esta etapa marca textos, tesouras, colas, papéis pardo. Da análise identificamos as categorias: 1- As marcas para os profissionais de enfermagem sobre as deformações no rosto; 2 - O sofrimento dos profissionais. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** As narrativas dos profissionais evidenciaram o corpo como um aspecto marcante, pelas alterações do rosto. **1- As marcas para os profissionais de enfermagem sobre as deformações no rosto.** As alterações maracantes quanto à forma, para mais, foram: “quando ele chegou aqui eu cuidei dele.... Era uma bolsa assim, desse tamanho assim (mostrou com a mão o tamanho do tumor no rosto) ...” (Júnior) e para menos “...é Mutilante mesmo, não tem, não tem como fazer, como que vai fazer, implantar o que ali. Diferente da mama, que se ainda coloca prótese, ... E o rosto?” (Carina). O filme “O Homem Elefante” evidencia o aumento do rosto e a rejeição da sociedade³. Também a redução de parte do rosto interfere na estética e nas relações sociais. O rosto expressa a afirmação social. A identidade do indivíduo se fragmenta, na representação “do que eu era” e “do que sou hoje”⁴. Outro aspecto marcante que relacionaram ao rosto foi o

pescoço: “*sempre eu pergunto como que ele tá, se tá com dor, so que até evito conversar justamente por isso que ele não tá adaptado com aquela traqueia, ...para ele é muito difícil porque furou o pescoço dele ...*” (Fernandes). As mudanças são marcadas pela presença de cortes, orifícios e cânula. Observa-se sofrimento por parte do profissional que cuida pela forma como ele se comporta e narra a alteração. O uso da sonda também muda a forma do rosto: “*usam sonda ou nasoenteral ou jejunostomia porque as vezes a sonda não passa né dependendo da situação, do tamanho da lesão, de onde tá especificado, onde tá essa lesão, local a gente não consegue passar a sonda.*” (Giovana). O rosto é local do corpo onde, não se tem adereços ou artefatos. Os óculos e piercings são considerados comuns, no entanto o uso de sondas, curativos e cateteres na região do pescoço causam impacto, pois reconhecem que isto reflete na imagem que a pessoa tem de si mesma além de provocar sentimentos em outros quando se expõem em público. Ter uma marca depreciadora expõe as pessoas que as têm e as que as vêem, a sentimentos de segregação⁴ resultando em sofrimentos. **2 - O sofrimento dos profissionais.** O sofrimento físico do doente: “*you já assumiu sua profissão sabendo que vai lidar com isso. Só que assim às vezes é a necessidade era maior assim you via que ela estava sofrendo, estava com dor.[...] (Janaina).* “ [...]Não tem como colocar nada ali. Eles sabem disso. Complica pra eles e a gente tem que agir com eles de forma normal[...] Que são os cuidados, normalmente são cuidados paliativos, num deixar ele com fome e eu vejo ele com fome(Carina). O sofrimento físico do doente é mais evidente quando há queixa de fome e dor, repercutindo em sofrimento ao profissional. “*Então pra mim, a gente que vê, que tá lidando com ele sofre também né, sofre de ver eles da maneira como eles estão[...] (Malvina).* Acompanhar o processo de sofrimento dos pacientes provoca sentimentos negativos devido aos laços construídos na relação do cuidado entre profissional e o doente. **CONCLUSÃO:** Os profissionais de enfermagem sofrem com o sofrimento dos pacientes, principalmente, no caso de deformação do rosto. Reconhecemos a importância do vínculo profissional-doente para a qualidade de vida do doente e do profissional de enfermagem. **IMPLICAÇÕES PARA ENFERMAGEM:** É necessário diálogo entre os profissionais de saúde e doentes em situações de sofrimento, ampliar sua discussão nos cursos de graduação, pois o sofrimento é ainda um desafio às nossas práticas na busca pela humanização na saúde.

Descritores: Humanização da assistência, Enfermagem oncológica e Enfermagem.

Eixo: O protagonismo no cuidar.

REFERÊNCIAS:

1. PAIVA, L. L.; GOELLNER, S. V. Reinventando a vida: um estudo qualitativo sobre os significados culturais atribuídos à reconstrução corporal de amputados mediante a protetização. Interface – comunicação, saúde e educação. Botucatu, v. 12, n. 26, p. 485-497. Jul./ Set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300003> . Acesso em: 10/02/2014.
2. VILAR, C.M.C. Câncer por região corporal: câncer cabeça e pescoço. In: VIEIRA, S.C. Oncologia básica. Teresina: editora fundação pixote, 2012. p.09 a 22.
- 3 BOOKS, M.; LYNCH, D.; VORE, C.; BERGREN, E. The Elephant Man.[Filme-vídeo]. Produção de Christopher de Vore, Eric Bergren, direção de David Lynch e Mel Books. Estados Unidos: brookfilms Inc. p&b. 114 min. 1980.

4. MEDEIROS, Marília Salles Falci. Imagens, Percepções e significados do corpo nas classes populares. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n. 2, p. 409-439, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v19n2/v19n2a10.pdf>> . Acesso em: 03/03/2014.

1. Acadêmico de Graduação em enfermagem, Faculdade de enfermagem (FAEN), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). e-mail: brunorenon1980@hotmail.com
2. Acadêmica de Graduação em enfermagem, Faculdade de enfermagem (FAEN), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
3. Acadêmica de Graduação em enfermagem, Faculdade de enfermagem (FAEN), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
4. Acadêmica de Graduação em enfermagem, Faculdade de enfermagem (FAEN), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
5. Acadêmica de Graduação em enfermagem, Faculdade de enfermagem (FAEN), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
6. Enfermeira. Doutora em enfermagem, docente adjunta da Faculdade de enfermagem (FAEN), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), líder do grupo de pesquisa saúde e cidadania (GEPESC)